

Um dia a menos, 1977

Margarida acorda cedo – e sozinha – em sua casa. Toma café e lembra-se que sua única companhia, a empregada, pedira um mês de licença.

“Teve preguiça do longo dia que se seguiria: nenhum compromisso, nenhum dever, nem alegrias nem tristezas.”

Troca de roupa, apesar de não esperar visitas.

Pensa em telefonar para alguém, mas tem medo de ser inoportuna. Medo da falta de assunto.

Imagina que o telefone pode tocar. Mas não toca.

Ela era gorda, comia muito.

Sente-se só, mas arrepende-se do sentimento: não poderia estar só tendo Deus consigo. Trinta anos.

Toma banho, almoça, toma café. O dia passa arrastado e entediante.

Liga a televisão, mas nem se quer presta atenção nela. Resolve tomar chá com torradas.

O telefone toca. Um engano: Madame Constança procura por Flávia, mas não há nenhuma Flávia.

As duas conversam por um tempo, “conversa de doido”. Margarida desliga.

“A tarde estragada. Ou o dia estragado? Ou a vida estragada? Nunca se detivera para pensar se era ou não feliz.”

Ela deita-se, mas não consegue dormir. Lembra dos remédios para insônia que foram da mãe. Resolve tomar apenas duas pílulas para “dormir um bom soninho e acordar rosada”.

Vai tomando, uma por uma, até acabar com três vidros.

“E agora para sempre não se saberá julgar se foi por desequilíbrio ou enfim por um grande equilíbrio.”

“Um dia a menos”.